

Brechas no capitalismo? Etnografia de uma ecovila efêmera em Teopantli Calpulli, México¹

CRISTINA GUTIÉRREZ ZÚÑIGA²

A partir do foco geral deste livro sobre as configurações do Nova Era em dois grandes países da América Latina, meu objetivo deste capítulo é contribuir para a exploração da lógica e do sentido das novas formas de sociabilidade religiosa desenvolvidas no âmbito das redes ibero-americanas de espiritualidade alternativa de perspectiva Nova Era. O surgimento e êxito dessas redes estão determinados, por uma parte, pelo contexto contemporâneo de crescente “desregulamentação institucional da crença” (Hervieu-Lèger 2008, p. 27)³ em que sujeitos cada vez mais independentes dos modelos de legitimação institucional encontram formas



¹ Agradeço a Juan Manuel Ramírez Sáiz, cuja perspectiva inquisitiva e sistematizadora sobre a interpretação teórica dos novos movimentos sociais exposta durante o seminário no El Colegio de Jalisco (4 de dezembro de 2015) me deu novas luzes para explorar as redes de espiritualidade alternativa.

² E-mail: cris.gutierrez.zu@gmail.com

³ “desregulación institucional del creer”, no original.

alternativas de validar sua crença e de dar bases mínimas de continuidade à sua interação; e, por outra, pelo contexto de crise do modelo econômico e social capitalista-liberal, que, no México, se associou a uma crise de governabilidade de tal grau que alguns a interpretaram como sendo própria de um estado falido, criando um ambiente generalizado de desesperança e carência de futuro. No âmbito múltiplo, diverso e plural dessas redes de espiritualidade, ambos os aspectos parecem dar sentido à atual consolidação de uma orientação contracultural para a construção de “um outro mundo” em nosso contexto latino-americano, em tensão com a orientação para a obtenção de um bem-estar espiritual pessoal alheio às circunstâncias históricas pelas quais atravessamos e com a qual frequentemente se caracterizou o movimento global Nova Era no seu conjunto.

Ainda que de raízes históricas profundas, o movimento identificado com esse nome surgiu originalmente como parte de um movimento de orientação contracultural na América do Norte e se transformou no processo de sua transnacionalização e sob a mediação de diversos vetores, dando lugar a diferentes vertentes. Champion o identifica, na França, como parte de uma nebulosa místico-esotérica particularmente sintomática de uma modernidade religiosa individualizada, privatizada e hedonista (Champion, 1997). Van Hove e York ressaltam a tendência que, impregnada e mediada pela lógica de mercado, converte o bem-estar espiritual em “commodity” dentro do denominado supermercado espiritual a serviço do consumidor cosmopolita (Van Hove, 1999; York, 1999). Por sua vez, Paul Heelas sustenta que o Nova Era, por meio de suas etapas muito distintas, consiste hoje, junto com outras espiritualidades contemporâneas, em uma aposta de ética pessoal e social-relacional descrita como “política da boa vida” (2008)⁴ que o distingue e se opõe ao simples consumismo de serviços psicoterapêuticos. De la Torre, Gutiérrez e Juárez Huet (2013) assinalaram a imersão do Nova Era em um

////////////////

⁴ “política de la buena vida”, no original.

contexto latino-americano de defesa dos direitos culturais dos povos originários e do planeta *versus* a extração de matérias-primas por parte das empresas transnacionais, de onde se deriva uma orientação mais coletivista e reivindicativa do movimento que, inclusive, inscreve-o no quadro sociopolítico de movimentos pós-colonialistas do subcontinente (De la Torre e Gutiérrez Zúñiga, no prelo).

Proponho-me a documentar e analisar uma estratégia organizacional instrumentada em uma das redes mais consolidadas das espiritualidades alternativas, a rede de ecoaldeias ou ecovilas (ver Comunello e De Moura, neste mesmo volume), que consiste na convocatória aberta para participar do experimento de vida comunitária ecossustentável – de uma semana de duração em uma de suas comunidades-membro, Teopantli Calpulli, próxima à cidade de Guadalajara, México – organizado pelos “Guardiães da Terra” de outra comunidade-membro, a comunidade de Huehucóyotl, estado de Morelos, México. Ambas as comunidades de residência são pioneiras da rede de ecoaldeias no México e na América Latina e se formaram nos anos oitenta como a realização de um projeto de vida comunal, espiritual e ecológico de perspectiva Nova Era que, em outro momento, se denominou “utópico” e que hoje se denomina intencional, ou seja, baseado nas afinidades sociais, culturais e espirituais de seus membros.

Esse evento se denomina *Consejo de Visiones* (Conselho de Visões) e é organizado regularmente, desde 1991, em diferentes locais, para convocar os diversos circuitos da espessa rede de espiritualidade ibero-americana, de modo que se converteu em um “evento-chave”, ou seja, um tempo/espço

onde confluem praticantes de diversas origens étnicas e nacionalidades, diferentes credos ou identidades diferenciadas em uma mesma celebração ou ritual. É durante essas celebrações que se tecem interações entre elementos diversos e são gerados

imaginários comunitários que transcendem o local e o regional (De la Torre e Gutiérrez, 2012, p.146).⁵

A partir da realização de observação participante, entrevistas e do acompanhamento das redes sociais, descreverei os sujeitos participantes nesse evento; relatarei as diferentes atividades e dinâmicas desenvolvidas durante o mesmo e analisarei a diversidade de ações práticas promovidas para a construção de uma comunidade efêmera, ou seja, uma comunidade de residência de sujeitos de diversas nacionalidades, orientações espirituais e áreas de conhecimento, que se integrará somente durante uma semana para viver de maneira prática a ecossustentabilidade, compartilhar saberes e experimentar, de maneira intensiva, uma gama de técnicas e rituais derivados de diversas retomadas das espiritualidades indígenas. Essa convivência, proposta sob o princípio de igualdade entre os participantes, pressupõe, no entanto, a existência de um diferencial de saber, experiência e compromisso entre eles: os sujeitos experientes e com frequência comprometidos e ancorados territorialmente em uma ecoaldeia constroem a oportunidade de viver essa espiritualidade e forma de vida com participantes da rede com diferentes níveis de compromisso e envolvimento, e com os interessados em geral.

Neste trabalho, me interessa compreender, em primeiro lugar, como essas práticas em conjunto se encontram tensionadas entre o que Weber colocaria como uma orientação para uma ética intramundana que busca a transformação do mundo, e uma orientação místico-espiritual de fuga do mundo, que está centrada na produção de experiências pessoais de sacralização do *self* e da natureza; e, em segundo lugar, atender à renovada afinidade de suas propostas de transformação do mundo com setores juvenis e adultos contemporâneos mexicanos, imersos em uma experiência de crise do modelo econômico e social capitalista-liberal,

//////////

⁵ “donde confluyen practicantes de diversos orígenes étnicos y nacionales, distintos credos o identidades diferenciales en una misma celebración o ritual. Es durante esas celebraciones cuando se tejen interacciones entre elementos diversos y se generan imaginarios comunitarios que trascienden lo local y lo regional”, no original.

cujos traços de sobrecarga ambiental e exclusão social são crescentemente evidentes. É claro que os buscadores espirituais urbanos que compõem essa rede que conecta a religiosidade natural neopagã e indígena com a luta ambientalista, na esperança de construir uma nova civilização em harmonia com o planeta e o cosmos que nos lembra do movimento *hippie* dos anos sessenta, não constituem um movimento político no sentido clássico de estar orientado à tomada do poder do Estado; no entanto, é igualmente evidente o posicionamento contracultural do movimento e sua vontade de construção de formas alternativas de vida. Mas, em que medida são “portadores de um outro mundo” (Zibechi e Hardt, 2013)⁶? Que ações práticas e simbólicas produzem em função da construção desse “outro mundo”? Pode ser esse evento considerado uma “brecha” do capitalismo, no sentido de ser lido como sintoma e meio de sua dissolução, uma expressão do “poder-fazer” de “pessoas comuns” (Holloway, 2011)⁷? Como entendem a transformação do sistema? Que imaginários da relação global/local, cósmico/corporal criam e socializam? Que tensões são geradas entre suas orientações ético-militantes e místico-espirituais, entre a orientação para a ação prática e para a ação ritual? Em terceiro lugar, vale a pena se centrar nas novas formas de sociabilidade religiosa constituídas em redes como forma organizativa, ir mais além da dinâmica de intermitência entre visibilidade e latência das redes apresentadas por Melucci (1999) e se perguntar que papel tem essa estratégia de experimentos de comunidade efêmera na dinâmica e na continuidade da rede espiritual transnacional? Que papel tem a comunicação virtual na configuração desses agrupamentos? Que novas sociabilidades religiosas são criadas na combinação entre convivência intensiva e conexão virtual?



⁶ “portadores de un ‘mundo otro’”, no original.

⁷ “gente común”, no original.

Os Conselhos de Visão e a rede de espiritualidade alternativa

Em janeiro de 2015, Alberto Ruz, fundador da comunidade intencional Huehucóyotl, uma das mais antigas e emblemáticas da América Latina e promotora da Rede Global de Ecovilas, convocou a realização de um encontro durante a semana do dia 21 a 28 de novembro desse ano na Comunidade Teopantli Calpulli, uma comunidade ecológica criada pelo dirigente espiritual Domingo Días Porta como *ashram* da organização da Nova Era, Mancomunidade da América Indígena Solar (MAIS). Trata-se da décima quarta edição desse encontro, que, na comunicação do Comitê Organizador, foi apresentada nos seguintes termos:

Desde os tempos ancestrais, as tribos das quatro direções se reuniram em Conselhos para compartilhar histórias, aprendizagens e preces. Seguindo este legado e desde 1991 vêm sendo realizados, no México e em outras partes da Ibero-américa, encontros conhecidos como “Conselhos de Visão- Guardiães da Terra”. Trata-se de um experimento social que acontece graças à colaboração e [à] cooperação dos assistentes. Um evento voltado à conscientização da nossa responsabilidade de restaurar e proteger proativamente nosso planeta, as culturas originárias, a saúde integral da família e da comunidade (Comunicação eletrônica do Comitê Organizador, 23 de maio de 2015)⁸.

Ao longo de suas edições, esses eventos se converteram em pontos de convergência dos diferentes circuitos da rede de espiritualidade alternativa de alcance ibero-americano, uma vez que, desde sua

////////////////

⁸ Desde tiempos ancestrales las tribus de las cuatro direcciones se han reunido en Consejos para compartir historias, enseñanzas y rezos. Siguiendo este legado y desde 1991 se vienen realizando en México y otras partes de Iberoamérica encuentros conocidos como “Consejo de Visiones- Guardianes de la Tierra”. Se trata de un experimento social que se da gracias a la colaboración y cooperación de los asistentes. Un evento encaminado a la concientización de nuestra responsabilidad de restaurar y proteger pro-activamente nuestro planeta, las culturas originarias, la salud integral de la familia y la comunidad”, no original.

convocatória, envolveram os atores principais do núcleo da referida rede, ou seja, atores que são capazes de articular diferentes circuitos e práticas, que atuam como tradutores ou mediadores culturais entre eles, e que, dada a sua intensa mobilidade translocal e, inclusive, transnacional, contribuem para recolocar os objetos, práticas e significados em novos pontos da rede, criando novas conexões e um constante dinamismo hibridizante (Argyriadis e De la Torre, 2008).

De acordo com Alberto Ruz, no primeiro encontro realizado em Temoaya, estado do México, estiveram presentes líderes do movimento Nova Era e da Neomexicanidade no México e na Espanha, guardiães das tradições indígenas/populares (incluindo curandeiros, xamãs, ou membros com algum grau de representação/conhecimento de suas respectivas tradições/etnias), cientistas, artistas, *hippies*, neoíndios e ecologistas, reunidos com a vontade de articular um Conselho de conselhos em defesa da terra, entendida em uma dimensão espiritual: Gaia, bem como Tonantzin e Pachamama, Nossa Mãe Terra (Entrevista com Alberto Ruz, Tepoztlán, 2 de outubro de 2012).

Os sucessivos Conselhos de Visões foram realizados principalmente no México, e também no Peru (2003) e no Brasil (2005), constituindo um poderoso articulador da rede de espiritualidades ecológicas e alternativas ibero-americanas, na qual a iniciativa dos Guardiões da Terra e a comunidade intencional de Huehucóyotl, constituída em ecoaldeia, tiveram uma importância-chave.⁹

Entre as intenções específicas do encontro de 2015, intitulado “El Llamado de la Salvia” (O chamado da Salvia), encontrava-se a oportunidade de experimentar temporariamente o modelo de ecoaldeias para difundi-lo e fortalecê-lo. O modelo ecoaldeia inclui a ideia fundamental do assentamento ecologicamente sustentável, no qual se vive em

//////////

⁹ Sobre a cronologia dos Conselhos de Visão e sua história entrelaçada com a comunidade de Huehucóyotl, ver Alberto Ruz Bonfil (2012b) e Renée de la Torre (2014); consultar sua página oficial em: <http://huehuecoyotl.net>.

comunidade sob o princípio da sociocracia (ou democracia participativa) e do respeito à Mãe Terra e a “todas as nossas relações”. Além da experiência comunitária pontual, constitui “uma ferramenta para fazer outro mundo possível”¹⁰.

De acordo com García Medina (2010), Teopantli Calpulli foi fundada em 1983 no *início*¹¹ do movimento Nova Era, por iniciativa do líder espiritual Domingo Días Porta e da Grande Fraternidade Universal, seguindo o modelo das comunidades orientais de aprendizagem espiritual ou *ashrams*; porém, seguindo a direção indianizante que este líder espiritual buscava para o movimento Nova Era, se denominou *calpulli* para, assim, recuperar a unidade de organização social e política que, de acordo com os membros do movimento da Mexicanidade, caracterizou as sociedades indígenas náhuatl na etapa pré-hispânica; do mesmo modo, procurou-se a vinculação com a espiritualidade dos povos indígenas e, em particular, com as tradições do povo wixáritari ou huichol, radicado em montanhas remotas do norte de Jalisco e Nayarit, cujas tradições foram consideradas como uma das mais “puras” ou intocadas pela conquista espanhola. Assim, nessa comunidade, formada por poucos buscadores espirituais e suas famílias, adquiriu-se um terreno nas proximidades do povoado de San Isidro Mazatepec, e nas mediações do Bosque de la Primavera, na periferia da cidade de Guadalajara, onde conviveriam diversas tradições espirituais. O conhecido *mara'akame* (ou curandeiro-xamã), Pablo Taizán, “semeou” ou estabeleceu Calligüey, ou templo huichol, e se instauraram práticas rituais apegadas à cultura huichol, junto com outras marcadamente orientais, provenientes da formação de seus membros na Grande Fraternidade Universal (Gutiérrez Zúñiga, 2015a).

////////////////

¹⁰ Ver: <http://huehuecoyotl.net/xiv-consejo-de-visiones-el-llamado-de-la-salvia-2/>. Acesso em 10 de junho de 2016.

¹¹ Ver também García Medina e Gutiérrez (2012), Gutiérrez (2015a; 2015b) e Gutiérrez e De la Torre (2010).

O Conselho de Visão 2015, em Teopantli, ocorreu ao mesmo tempo que o Conselho Biorregional das Américas, tal como aconteceu com outros Conselhos de Visão desde 1996. As perspectivas da ecossustentabilidade e do biorregionalismo¹² deram uma nova vigência social e política às velhas apostas utópicas geradas no movimento *hippie* dos anos sessenta e setenta, que atrelou a orientação de exploração espiritual – estigmatizada como “escapista”, sobretudo por sua vinculação com o uso de psicotrópicos – com a construção de “um outro mundo” alternativo à “sociedade tecnológica ocidental” que produz exclusão e exploração. O planeta é sacralizado, combinando as concepções de Gaia e da Mãe Terra com as de Tonantzin (náhuatl) e de Pachamama (inca). A busca de tradições ancestrais se converte, nessa perspectiva, não somente em uma fonte de experiências espirituais, mas as reivindica também como um modelo de convivência com a natureza e um modelo utópico de futuro. Alberto Ruz, fundador de Huehucóyotl do Conselho de Visão-Guardiães da Terra, publicou nas redes sociais:

Nossas rústicas “aldeias hippies”, dessas que vocês tanto riram, aqui no México e no resto do mundo, agora são um dos poucos reconhecidos e belos modelos de habitats, em constante processo de coevolução consciente e plena transição, para se tornar



¹² O biorregionalismo é entendido como “a consciência de que as biorregiões são sistemas completos, compostos de grupos de subsistemas naturais diversos, integrados e regidos por leis e princípios ecológicos. O biorregionalismo reconhece que os humanos, como uma espécie entre muitas outras, devem trabalhar em harmonia com estas leis, se quiserem ter um futuro seguro. As leis e princípios ecológicos formam a base para o desenho de todo sistema humano a longo prazo: tecnológico, agrícola e político” (página web oficial Consejo de Visiones 2015 / El Llamado de la Selva, acesso em 20 de novembro de 2015, hoje desativada). No original: “La conciencia de que las biorregiones son sistemas completos, compuestos de grupos de subsistemas naturales diversos, integrados y regidos por leyes y principios ecológicos. El biorregionalismo reconoce que los humanos, como una especie de entre muchas otras, debemos trabajar en armonía con estas leyes, si queremos tener un futuro seguro. Las leyes y principios ecológicos forman la base para el diseño de todo sistema humano a largo plazo: tecnológico, agrícola y político” (página web oficial o Consejo de Visiones 2015/ El Llamado de la Selva, acesso em 20 de novembro de 2015, hoy desativada).

exemplo do que pudessem ser microsociedades mais sustentáveis (agora as chamam de resilientes), apesar e graças a todos os nossos tropeços, dos passinhos pra frente, dos passinhos pra trás, das estagnações e dos renascimentos. E saibam que também nos tornamos escolas vivas respeitadas e admiradas, onde nós, os velhos hippies, nos convertemos em Mestres. Essas famosas “ecoaldeias”, como agora são chamadas, estão sendo articuladas em redes, biorregionais, nacionais, continentais e planetárias, enredando-se organicamente (...) como empreendimentos cooperativos da sociedade civil, organizada autonomamente para substituir a velha pele da serpente da vida e ressurgir como um belo tapete colorido, no qual os fios e estames já estão sendo tecidos sutilmente como rizomas, por debaixo da falsa aparência desse outro “mundo feliz” construído pelas empresas predadoras do velho mundo¹³ (Página b do Facebook do Consejo de Visiones México, post de Alberto Ruz Buenfil, 30 de dezembro de 2015).

Dessa maneira, as boas-vindas a esta “ecoaldeia efêmera e cerimonial”, para realizar “um exercício tribal de autossuficiência”, definiu essa edição de 2015 do Conselho:

Este evento é um exercício de autossustentabilidade e autogestão. Trata-se de juntos criar a ecoutopia cerimonial de uma aldeia efêmera de paz em que tod@s sejam corresponsáveis pelo resultado. Trata-se de fazer uma mudança nos paradigmas aos quais estamos programados: quer dizer, em vez de ver tudo do ponto

////////////////

- ¹³ Nuestras rústicas “aldeas hippies,” esas de las cuales ustedes tanto se reúnan, aquí en México y en el resto del mundo, ahora son de los pocos reconocidos y bellos modelos de hábitats, en constante proceso de co-evolución consciente, y plena transición para volverse en ejemplo de lo que pudieran ser micro-sociedades más sustentables, (ahora la llaman resilientes,) a pesar y gracias a todos nuestros tropezones, los pasitos pa’ delante, los pasitos para atrás, los estancamientos y los renacimientos. Y sepan que también nos hemos vuelto en respetadas y admiradas escuelas vivas, donde los viejos hippies nos hemos convertido en Maestros...Esas famosas “ecoaldeas”, como ahora las llaman, se están articulando en redes, biorregionales, nacionales, continentales y planetarias, en-redando-se orgánicamente (...) como emprendimientos cooperativos de la sociedad civil, organizada autónomamente para sustituir la vieja piel de la serpiente de la vida, y resurgir como un bello tapiz colorido en el cual los hilos y los estambres ya se están tejiendo sutilmente como rizomas, por debajo de la falsa apariencia de ese otro “mundo feliz” construido por las empresas depredadoras del viejo mundo”.

de vista individualista e de proveito de vantagens próprias, a ideia aqui é o bem-estar e as metas do coletivo e da Mãe Terra se antepõem às do indivíduo. É mudar nossa visão antropocentrista para uma visão biocentrista (da centrada no ser humano para a centrada na vida)¹⁴ (página da web oficial de Consejo de Visiones 2015/ El Llamado de la Selva, acesso em 20 de novembro de 2015, hoje desativada).

Teopantli Calpulli como lugar núcleo e como sede da ecoaldeia efêmera

Teopantli Calpulli tem uma extensão de quase 300,000m², onde habitam regularmente cinquenta pessoas¹⁵. No entanto, 150 se manifestam como membros da comunidade, agrupados em vinte casas familiares, separadas entre si e em meio a amplos espaços para diferentes usos coletivos¹⁶. O acesso é indicado por “El árbol guardián” (A árvore guardiã), e entre as casas dispersas se encontra uma grande ceiba (árvore sagrada da tradição maia), considerada o centro da comunidade, além de uma horta orgânica, uma cozinha comunitária, um santuário ao oriente, um temazcal ao poente, uma pirâmide ao norte, um Callihuey (ou templo *wirrárika*) ao sul, uma *kiva* (habitação circular em torno do fogo destinada a rituais sagrados) com um monumento comemorativo da realização do Canto da Terra, em 1989, uma escola, um amplo campo reservado para os participantes da cerimônia “Promesa al Sol” (derivada da tradição do

////////////////

¹⁴ Este evento es un ejercicio de auto-sustentabilidad y autogestión. Se trata de juntos crear la eco-utopía ceremonial de una aldea efímera de paz en donde tod@as seamos co-rresponsables del resultado. Se trata de hacer un cambio en los paradigmas a los cuales estamos programados: es decir, en vez de ver todo desde un punto de vista individualista y de provecho y ventajas propias, la idea aquí es que el bienestar y las metas del colectivo y de la Madre Tierra se anteponen a las del individuo. Es cambiar nuestra visión de antropocentrismo a biocentrismo (Centrada en el ser humano a centrada en la vida).

¹⁵ (<http://mexico.pueblosamerica.com/i/teopantli-calpulli/>).

¹⁶ (http://www.comuntierra.org/site/comunidades.php?id=37&id_idioma=).

Sundance – Dança do Sol – entre os lakota), uma área de camping, entre outros.

O deslocamento geográfico dos participantes de diversos pontos do país – e alguns dos Estados Unidos, Espanha e América do Sul – até esse lugar distante, bem como a ruptura de seus ritmos cotidianos e a promessa de participação experimental em uma “ecoaldeia efêmera e cerimonial”, marcou a separação do tempo/espço extraordinário que significou a estadia em Teopantli Calpulli, e a abertura para a experiência do sagrado.

O lugar do encontro oferecia, por uma parte, o valor histórico e simbólico de ser uma das comunidades utópicas mais enraizadas no Centro Ocidental, onde, em 1989, foi realizado outro evento, dos mais significativos e iniciadores da rede espiritual alternativa no México, o Canto de la Tierra (Canto da Terra), que consagrou *Calpulli* e o fundador da Mancomunidade da América Índia Solar, Domingo Días Porta, nas redes transnacionais de espiritualidade com orientação indígena, vinculado com indígenas do sul e nativos norte-americanos (García Medina, 2010). Para aqueles que tiveram conhecimento dessa trajetória histórica, o *Calpulli* constituiu um lugar central, ou seja, “aquele lugar que, por sua qualidade de referente simbólico em uma narração compartilhada, se converte em cenário para a realização de rituais para os quais convergem distintos circuitos de praticantes” (De la Torre e Gutiérrez, 2012, p. 146). Por outro lado, o lugar era oferecido como um espaço “natural”, distante da cidade, com espaços abertos para a construção provisória dos diferentes conselhos e para o acampamento ao ar livre, próximo ao bosque protegido de La Primavera, que abriga águas termais.

Com a chegada, os participantes se instalaram e acondicionaram diversas tendas e dois *tepees* para o funcionamento dos conselhos e para a realização de atividades cerimoniais e práticas, com a sensação de começar desde o zero e estarem fundando uma comunidade a partir do entorno natural. No entanto, o território estava previamente acondicionado (mato cortado, campos limpos, instalações comunitárias, banheiros

secos) graças ao trabalho dos “comitês sementes”, voluntários e pessoas contratadas dos povos vizinhos de Ahuisculcoe San Isidro Mazatepec.

Os participantes da ecoaldeia efêmera

O número de participantes oscilou entre 200 e 400 ao longo da semana. Constituíam um conjunto de pessoas com idades distintas: adultos mais velhos, várias famílias de adultos jovens com crianças pequenas e em idade escolar, predominando os jovens solteiros. Muitos deles, especialmente os mais velhos, se reconheciam por sua aparência como hippies de longa trajetória: cabelo e pele com longa exposição ao sol, uma apresentação pessoal que busca deliberadamente se desviar dos códigos hegemônicos (de moda, limpeza e ostentação de status), roupa e bijuterias artesanais, tatuagens, pintura corporal, rastas costurados com contas e penas. Havia também alguns considerados como “anciãos” da tradição, representantes de etnias yaquiemayo (norte do México), wirrárika (Centro Ocidente do México), elakota (Estados Unidos), com roupa artesanal, representativa e reivindicativa de sua origem.

Em relação às suas tarefas, pude observar que a maior parte dos adultos jovens e velhos eram artesãos e profissionais independentes (podendo se deslocar durante uma semana para participar dessa experiência) que oferecem um serviço ou fazem um produto artesanal com orientação saudável, ecológica ou espiritual: são oficinairos de técnicas de permacultura, de teatro comunitário, de técnicas de cura holística (corpo/mente/espírito), que ao mesmo tempo realizam a venda de insumos necessários para sua prática, todos orgânicos e alternativos; temazcaleiros, acrobatas, malabaristas ou dançarinos de capoeira, artesãos de roupa, joias ou tatuagens e pinturas corporais, músicos, pintores de murais, padeiros. Entre os jovens, havia alguns estudantes, vários recém-formados na faculdade, realizando trabalhos voluntários e, aproximadamente, uma dezena de praticantes do “nomadismo” que chegaram de trailer.

A organização e o programa

As tarefas de organização do programa, acondicionamento do terreno, da cozinha e da padaria, a instalação dos banheiros secos e a preparação logística do evento levaram meses. Os gastos foram custeados mediante o estabelecimento de uma cota de ingresso de 3,000 pesos ou pagamento por dia de 400 pesos (aprox. 200 dólares) que incluiu alimentação, direito a acampar, acesso à água potável e participação em todas as atividades, na sua maioria organizadas pelos próprios participantes. Houve um número limitado de bolsas, negociadas em troca de trabalho voluntário antes e durante o evento, pelas quais optaram vários jovens que foram peças-chave para a organização do Conselho. No local, as negociações de produtos foram realizadas com trocas (em espécie) ou por meio de uma moeda alternativa que era chamada de “sálvia”.

O programa se articulou a partir da oferta dos primeiros participantes, segundo um longo processo de comunicação virtual e reuniões periódicas, face a face dos denominados “Comités Semilla” (Comitês Semente) desde o início do ano. Desde a convocatória, se estabeleceu a formação de sete conselhos por afinidade temática (Espiritualidade, Tradições, Ecologia, Movimentos Sociais, Crianças, Jovens e Saúde), os quais funcionaram como subunidades organizativas das atividades que eram oferecidas de forma simultânea durante cada dia do evento. A estrutura do programa geral pode ser conferida em um dos programas diários.

A rotina foi dada pela sequência diária de cerimônias ao Sol, café da manhã, trabalho pelo bem comum, plenária, oficinas/conselhos (oferecidos simultaneamente pelos sete conselhos), crepúsculo, danças circulares e bazar, jantar e apresentações culturais.

Ainda que os programas gerais dos conselhos fossem publicados pelas redes sociais antes do evento, a definição e a publicação dos programas de cada dia na sua versão definitiva foram se concretizando diariamente a partir da oferta e demanda existente, e continuaram se difundindo por meio do Facebook. Além disso, foi estabelecido um lugar

estratégico no mural periódico, visível no acampamento, o qual foi muito eloquente sobre o papel que a interação tem, através das redes sociais virtuais, na logística e sociabilidade dos participantes.

PROGRAMA GENERAL DOMINGO 22 NOV 2015							
ESPIRITUALIDAD	SALUD	ECOLOGÍA	MOVIMIENTOS SOCIALES	ANCIANOS TRADICIONES	Niños	JÓVENES	ARTE CULTURA
AMANECER / REVENIDA AL SOL / PRÁCTICAS ESPIRITUALES							
YOGA COLECTIVA	CHI KONG (DE YOGA)				TRABAJO EN MOVIMIENTO		
DESAYUNO							
PLENARIA / CEREMONIA DE APERTURA EN LA CEIBA							
- CEREMONIA DE APERTURA EN LA CEIBA - MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA	- MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA - MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA	- MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA - MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA	- MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA - MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA	- MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA - MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA	- MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA - MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA	- MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA - MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA	- MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA - MEDITACIÓN DE LA TRADICIÓN DE LA CEIBA
COMIDA							
ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA
ATARDECER / DESPEDIDA AL SOL / PRÁCTICAS ESPIRITUALES							
CENA							
ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA	ALIMENTACIÓN COLECTIVA EN LA CEIBA
*TEMATICALES DIARIOS **PROGRAMA SUJETO A CAMBIOS SIN PREVIO AVISO.							



IV CONSEJO DE VISIONES CUICUILCO DE LA TIERRA
EL LLAMADO DE LA SALVIA

21-28 NOVIEMBRE 2015

CONSEJO DE VISIONES CUICUILCO DE LA TIERRA
CONSEJO DE VISIONES CUICUILCO DE LA TIERRA
consejodevisiones.org

Fig. 1: Cartaz com o programa de atividades do Conselho de Visões para o dia 22 de novembro de 2015 (extraído de www.huehucocoyotl.net).

Uma panorâmica das características da variedade de oficinas, serviços, atividades artísticas e cerimônias oferecidas pelos conselhos pode ser observada no seguinte esquema:

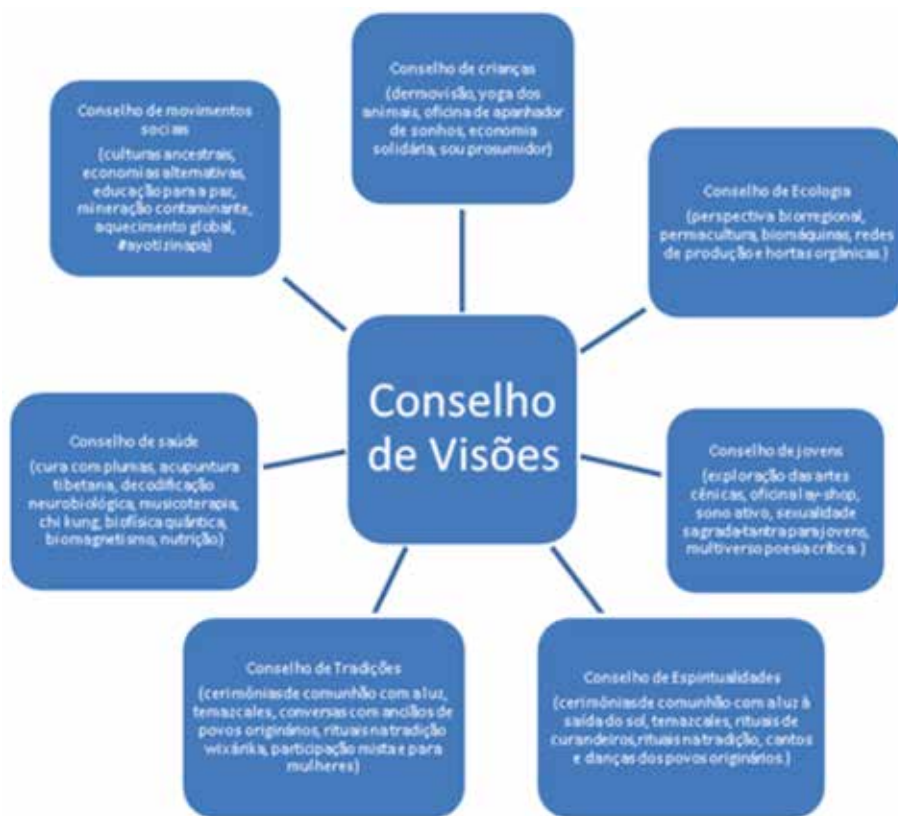


Fig. 2: Esquema organizativo dos conselhos e exemplos de sua oferta de oficinas/seminários/serviços.

O que os diferentes participantes procuravam ao se incorporarem neste experimento? Os participantes que haviam se incorporado à organização dos Comitês Semente e os responsáveis dos conselhos tinham já uma visão clara do seu trabalho e responsabilidade durante o Conselho: administrar, por exemplo, a condução da padaria ou do atendimento às crianças, sempre com o apoio de voluntários organizados espontaneamente. Para os outros, o conselho para a escolha de trabalho voluntário ou para a escolha de oficinas era o de “seguir o próprio chamado”, “fluir entre as diversas possibilidades”, com uma atitude de abertura para experiência

do experimento eco-comunitário e como parte de um processo pessoal de dimensão espiritual.

A construção de uma microssociedade sustentável efêmera

Durante o experimento social, foi colocada em prática uma série de princípios para construir, dentro do espaço-tempo do Conselho de Visões, uma microssociedade autossustentável que fosse a que desejamos viver. Revisarei separadamente os diferentes planos econômico, sociopolítico, estético-lúdico, ecossustentável e espiritual que formaram esse modelo.

a) Plano econômico

A viabilidade econômica da junção de aproximadamente 400 pessoas coabitando em acampamentos durante uma semana foi pensada sob as premissas contábeis de qualquer outro evento: os gastos não devem superar o valor arrecadado pelos recursos arrecadados. A participação supõe o pagamento de uma cota de entrada que incluiu todos os insumos básicos para o acampamento.

Porém, a partir da entrada na ecovila, o fluxo de bens e serviços se deu em um âmbito distinto: o do intercâmbio de saberes (oficinas, seminários, apresentações musicais, tratamentos e cerimônias com entrada livre) e a colaboração voluntária para o trabalho comunitário (limpeza, segurança, recepção, tradução, construção e manutenção de instalações temporais, sinalização, abastecimento, preparação de alimentos, manejo de resíduos, manutenção dos banheiros secos, acampamento, documentação, memórias, entre outros). Ou seja, não se trata simplesmente de um evento tipo “tudo incluído”, mas sim de *“uma operação econômica à margem do sistema”*. Adicionalmente, se estabeleceu um espaço de tianguis (mercado informal) para venda e troca de produtos e serviços, orgânicos, naturais, feitos à mão, artesanais, biodegradáveis e que façam

parte do comércio justo¹⁷. Em um muro estratégico dentro do acampamento se ofereciam e solicitavam serviços por meio da troca em espécie: “Solicito transporte para as pessoas hoje ao entardecer. Ofereço massagem terapêutica”. “Necessito de babá durante o temazcal da Abuela Margarita em troca de brincos de obsidianas talhados”.

Dessa forma que podemos falar do estabelecimento de um parêntese no funcionamento econômico cotidiano, vinculado ao mercado monetário e à obtenção de lucros, para promover no Conselho uma organização econômica alternativa, baseada na cooperação. O estabelecimento da moeda “salvia” constituiu uma solução às questões de paridade no valor simbólico, segundo o qual se buscou manter o encontro à margem da lógica do dinheiro e do mercado. A sensação predominante não era a de uma liberdade aquisitiva sobre novas bases de negociação, mas sim a da gratuidade e da troca enriquecedora para todos durante o período do evento, que, por sua vez, fornece uma certeza sobre a possibilidade de novas formas alternativas de organização do sistema. Por outra parte, dada a forma de vida da maioria dos assistentes adultos como artesãos, artistas e profissionais independentes, podemos observar que o evento atua como uma plataforma que lhes permite a introdução de elementos novos em sua oferta (terapêutica, plástica ou ritual) e sua qualificação constante (que lhes permite diferenciação), tal como a expansão de seus vínculos e alianças se tornam fundamentais para a manutenção de sua demanda e sustentabilidade dentro de um esquema de mercado.

b) Plano sociopolítico (interno)

A aposta pelo funcionamento comunitário participativo constituiu um objetivo importante. Foi colocado em prática um processo participativo de tomada de decisões como parte da cocriação de uma microsociedade: as plenárias e as reuniões de cada conselho foram os espaços

////////////////

¹⁷ Página da web oficial do Consejo de Visiones 2015/ El Llamado de la Selva, acesso no dia 20 de novembro de 2015, hoje desativada.

instrumentados para a aprendizagem, deliberação e tomada de decisões coletivas sobre a resolução de problemas e o planejamento de trabalho voluntário para o funcionamento da comunidade efêmera.



Fig. 3 Durante a plenária (foto de Cristina Gutiérrez Zúñiga).

A aprendizagem não foi simples e não envolveu apenas as decisões coletivas no nível do Conselho, mas também praticamente todas as ações do grupo relacionadas com o sustento cotidiano da comunidade. Mais do que fazer um balanço geral sobre o êxito dessa proposta – que está fora do meu alcance –, darei alguns exemplos ilustrativos desta dinâmica e de alguns dos problemas enfrentados nesta e na próxima seção.

Um obstáculo claro a vencer na introdução da dinâmica participativa foi a tendência ao estabelecimento de lideranças carismáticas, elemento que parece vinculado de maneira quase necessária ao surgimento

de novos grupos espirituais (Weber, 1998). As redes de espiritualidade alternativa estão atravessadas por uma tensão entre sua orientação para a autonomia da pessoa e sua liberação a respeito de autoridades deificadas e dogmatizantes, e a fragilidade que essa posição implica na construção de uma segurança, plausibilidade e legitimidade de sua crença, que foi tipificada por Hervieu-Léger como um regime de autoavaliação da crença (2004). A experiência de comunidade de convivência intensiva e efêmera apresenta múltiplas oportunidades para fortalecer a própria certeza subjetiva mediante um regime alternativo, uma validação mútua da crença: o contato com semelhantes que oferecem sua própria autenticidade como critério de verdade (não sua autoridade) que constitui uma experiência de comunidade da crença não eclesial nem sectária, mas sim uma rede mística; e também com aqueles que se reconhece um grau exemplar de compromisso e longa trajetória, os reconhecidos líderes e organizadores deste evento, com claras qualidades carismáticas. Como pude constatar, o contato com eles constitui um dos atrativos da experiência da ecoaldeia temporal, e constitui uma oportunidade de aprendizagem e, ao mesmo tempo, dá certeza aos sujeitos autonomizados dos regimes institucionais da crença. Há que se acrescentar a isso que diversos líderes de longa trajetória que constituem na atualidade os motores de suas respectivas organizações/redes foram formados em uma cultura de guru/discípulo naturalizada pelo funcionamento das escolas herméticas e esotéricas precursoras da Nova Era (Grande Fraternidade Universal, movimentos gnósticos etc). Esses princípios contraditórios entre autonomia e liderança carismática se fizeram presentes em diversas ocasiões durante o evento, evidenciando uma tensão constante na rede.

Por exemplo, Abuela Esperanza Morán, cofundadora da comunidade de Teopantli Calpulli, se dirigiu ao Coyote Alberto Ruz no evento de encerramento com as seguintes palavras:

Abuela Esperanza: Teopantli Calpulli se viu abençoada com a presença de todos vocês, meus amados, precisávamos da sua

força, sua luz, seu poder, para que esta comunidade emergisse e pudesse cumprir com a missão para qual foi semeada... Se nos foi profetizado que desse centro do planeta sairia a luz para toda a humanidade [gritos, chocalhos, percussão] e hoje... vamos por um bom caminho... porque a consciência planetária despertou, e são vocês, Guardiães da Terra, os que vêm fazendo a mudança. A vocês foi encomendada essa missão e nós, nós entramos um pouquinho, preparamos isso um pouquinho, [...] Obrigada, Coyote da minha vida, obrigada por teres cruzado o meu caminho. Há 25 anos, eu disse “este hippie vai movimentar o mundo” sim, senhor! [gritos, chocalhos, percussão], o que marca o caminho e diz por onde, e percorre o planeta inteiro (...) semeando a nova semente, a nova consciência do planeta... Obrigada, Coyote amado.¹⁸

Essa atitude, que evidencia a presença de uma relação de autoridade carismática, foi retribuída imediatamente no mesmo ato, no qual os membros do conselho de Saúde expuseram:

Em nome da cura física e espiritual, a ti, Pai céu, a ti, Mãe Terra, (...) assim peço a ti para meus irmãos e irmãs, coerência, humildade para ter sabedoria, responsabilidade com o que vamos gerando em nossas vidas. Pedimos a ti consciência e sua expansão, a ti pedimos respeito até para os mais fracos, até a gente que se sente vulnerável, assim te peço que nos livre da chamanitis (...) que nos livre da *ceremonitis* para que nossos rituais sejam fortes, sejam saudáveis, sejam coerentes, assim te peço que nos livre da



¹⁸ Abuela Esperanza: Teopantli Calpulli se ha visto bendecida con la presencia de todos ustedes mis amados, necesitábamos su fuerza, su luz, su poder, para que esta comunidad emergiera y pueda cumplir con la misión para lo que fue sembrada... Se nos fue profetizado que de este centro del planeta, saldría la luz para toda la humanidad [gritos, sonajas, percusión] y hoy...vamos por buen camino... porque la conciencia planetaria ha despertado, y son ustedes, Guardianes de la Tierra los que vienen haciendo el cambio. A ustedes se les ha encomendado esa misión y nosotros, nosotros entramos un poquito, lo preparamos un poquito, [...] Gracias oyote de mi vida, gracias por haberte cruzado en mi camino. Hace 25 años, yo dije “este hippie va mover el mundo” ¡sí señor!, [gritos, sonajas, percusión], el que marque el camino y dice por dónde, y recorre el planeta entero (...) sembrando la nueva semilla, la nueva conciencia del planeta... gracias Coyote amado, no original.

protagonitis para que nossa força na palavra não perca essa força [Todos: ahooo] [gritos, percussão]¹⁹.

Nessa mensagem, se mostra visível como a presença de lideranças protagonistas – e a ação de sujeitos que potencialmente medeiam o contato com o sagrado –, ao mesmo tempo que constitui uma realidade dentro da experiência da ecoaldeia, é considerada por muitos como um mal que prejudica o movimento e seus princípios de autonomia e participação. Assim, são nomeados parodiando nomes de doenças: “protagonitis” e “chamanitis”, porém, da mesma maneira, foi nomeada a “ceremonitis” que, unida à “chamanitis”, se torna eloquente quanto à tensão existente entre uma orientação prática e outra puramente espiritual, como veremos na seguinte seção.

c) Plano de ecossustentabilidade: consumo, descarte e alimentação consciente

O eixo da ecossustentabilidade ensinado e praticado na ecoaldeia efêmera se encontra no controle do consumo, descarte e alimentação de cada pessoa, embasada em uma nova consciência do que essas ações significam no ambiente, na nossa saúde e em nossas relações com a natureza. Dessa forma, a alimentação foi vegetariana e orgânica, como resultado de uma “tomada de consciência” sobre suas consequências para animais, água e solo.



¹⁹ En el nombre de la sanación, en el nombre de la curación, a ti Padre cielo, a ti Madre tierra, (...) así pido a ti para mis hermanos y hermanas, congruencia, humildad para tener sabiduría, responsabilidad con lo que vamos generando en nuestras vidas. A ti pedimos conciencia y expansión de ella, a ti pedimos respeto hacia los más débiles, hacia los que nos sentimos vulnerables, así te pido que nos libres de la chamanitis (...) que nos libres de la ceremonitis para que nuestros rituales sean fuertes, sean sanos, sean congruentes, así te pido que nos libres de la protagonitis para que nuestra fuerza en la palabra no pierda esa fuerza [Todos: ahooo] [gritos, percusiones], no original.

Esses posicionamentos adquirem uma dimensão política contra as grandes multinacionais do agronegócio e da alimentação, e a favor de uma transformação da escala civilizatória a favor da “permacultura”, ou seja, a cultura que nos leva como espécie a não espoliar os recursos do planeta, mas sim viver com nosso planeta. A alimentação é aqui entendida como uma chave experiencial de vivência da saúde e do bem-estar dentro de uma nova proposta espiritual e ética de harmonia com as diferentes espécies do planeta e com o próprio planeta entendido como Mãe Terra. A contaminação do ar, da terra e da água se traduz na ingestão de alimentos “tóxicos” produtores de doenças, dos quais é preciso “se limpar” e “se purificar” como uma nova forma de ter saúde e se experimentar harmonicamente no planeta e, ao mesmo tempo, se posicionar contraculturalmente frente “ao mundo”, ao “sistema” como consumidor proativo (prosumidor) e, em alguns casos, como não consumidor e como ativista.

O enfoque sobre os descartes segue a mesma lógica: é promovida uma tomada de consciência sobre o destino do lixo que geramos, como de nossos descartes humanos, sinal do nosso impacto sobre o solo, o ar e a água. “Temos que nos responsabilizar pela nossa merda” – disse com todas as letras Alberto Ruz em uma plenária ao chamar e reforçar a equipe de voluntários que se responsabilizaram pela manutenção dos banheiros secos. A importância dessas pequenas ações é resumida por meio de estêncil e adesivos que afirmam: “Sou revolucionário, uso banheiro seco”.

A adoção desses princípios na organização da ecoaldeia constituiu um eixo estruturante de sua organização e, conjuntamente com a proposta de tomada de decisões participativas, regeu até as menores interações entre os participantes. O trabalho comunitário era liderado por pessoas com experiência na vida da ecoaldeia, enquanto nós, o restante dos voluntários, estávamos aprendendo a operação desses princípios. Dessa maneira, pude constatar, por exemplo, a complexidade de preparar alimentos aplicando a economia de água por meio do sistema de

reutilização da água cinzenta e a não utilização de desinfetantes nem aditivos “químicos” na comida: Como tirá-los dos alimentos que íamos consumir? O que fazer então com a água que usávamos? Não devíamos impedir que fosse utilizada novamente para irrigação? Não era preferível descartá-la ao invés de enviá-la para o sistema de água cinzenta? Como descartá-la?

Os mais experientes na vida comunitária foram exemplo e autoridade, tanto na resolução prática, como na atitude para enfrentar as dificuldades. Por exemplo, durante a preparação da comida do primeiro dia:

Tinha muito trabalho na cozinha, os materiais eram insuficientes, o tempo passava e estávamos cada vez mais tensos. Apareceu um norte-americano mais velho, com um aspecto hippie antigo, e começou a cantar uma canção sobre fazer tudo com amor, em que facilmente podia se inserir um versinho sobre o que estivesse fazendo de fato. Adotamos a canção e começamos a cantar enquanto trabalhávamos:

Amor, amor, amor, amor

O lema é o amor

Com amor lavo as pimentas (que poderia mudar para “corto as batatas” ou “lavo o arroz”)

Isso é Amor

Todos nós nos entusiasmamos, foi como uma nova maneira de enfrentar a situação. Além disso, nesse momento, chegaram os encarregados da comunicação, que estavam documentando o processo de instalação da ecoaldeia com uma câmera de vídeo profissional. Todos na cozinha sintonizamos cantando entusiasmados na frente da câmera enquanto lidávamos com as verduras e a água. Era o que se supunha que viríamos a fazer e experimentar: vida em comunidade, trabalho voluntário, convivência alegre (Trecho do Diário de Campo).²⁰

////////////////

²⁰ Había muchísimo trabajo en la cocina, los instrumentos eran insuficientes, el tiempo avanzaba y estábamos cada vez más tensos. Apareció un norteamericano mayor, con aspecto de hippie de vieja cuña, y comenzó a cantar una canción sobre hacer todo con amor, en la que fácilmente podía introducirse un versito sobre lo que efectivamente estuvieras haciendo. La adoptamos y comenzamos a cantar mientras trabajábamos: Amor, amor, amor, amor La consigna es el amor Con amor lavo los chiles (intercambiable por “corto las papas” “limpio el arroz”) Eso es Amor Todos nos entusiasmamos, fue como una nueva manera de enfrentar la situación.

A instrumentalização de princípios gerais de uma nova atitude ecológica nas ações cotidianas é muito complexa e se revela com frequência à medida que, além de princípios práticos, são princípios de um sistema simbólico que sacraliza o “natural” e demoniza o “industrial” e o “químico”, que opera a percepção do perigo antropogênico, típica da modernidade tardia (Giddens, 2008). A partir desse ponto de vista, as ações ecológicas propostas apelam a uma efetividade de tipo ritual. Seu sustento objetivo para fundamentar uma prática se torna sumamente fraco e controverso (eficácia fática), e com frequência nos produziu sentimentos de frustração e inviabilidade. No entanto, diante dessa tensão evidente ante a eficácia simbólica e ritual de nossas titubeantes ações, os mais experientes atuavam sob o convencimento de sua conciliação: foram expressas em várias ocasiões a firmeza da intenção e o convencimento em princípios ditos, que estavam sendo aplicados na construção de um novo estilo de vida alternativo, cuja viabilidade *estava sendo demonstrada coletivamente através da própria existência da comunidade efêmera*. Portanto, a experiência da ecoaldeia se constituiu, por uma parte, como um regime de validação mútua da crença, assim como uma estrutura de plausibilidade de princípios utópicos para conformar uma cosmovisão alternativa (Berger, 2006).

d) Plano de saúde e a espiritualidade vinculada a Terra

As ofertas de serviços, oficinas e cerimônias articuladas pelos conselhos de Tradições, Espiritualidade e Saúde foram, sem dúvida, muito amplas. Os elementos em comum dessa variedade de técnicas e tradições foram

Además, en ese momento llegaron los encargados de comunicación, que estaban documentando el proceso de instalación de la eco-aldea con una videograbadora profesional. Todos en la cocina nos sintonizamos a cantar entusiasmados frente a la cámara mientras lidiábamos con las verduras y el agua. Era lo que se suponía que veníamos a hacer y experimentar: vida comunal, trabajo voluntario, convivencia alegre (Extracto del Diario de campo), no original.

a possibilidade de aproximação de um saber ancestral proveniente, em sua maioria, das tradições indígenas que são valorizadas como uma chave para o futuro, que possuem uma forma distinta de relação com a natureza sacralizada como Tonantzin ou Pachamama; uma recomposição da experiência humana de si mesmo, violentada tanto pelas concepções biomédicas (caracterizadas pela sua especialização e sua negação da dimensão espiritual, que invisibilizam a integração holística de mente-corpo-espírito) como pela orientação isolada, individualizante, produtivista e consumista com a que se valorizam os sujeitos na sociedade hegemônica. Em contrapartida, as oficinas e cerimônias, em sua maioria inspiradas em conhecimentos e rituais indígenas ou de reminiscências ancestrais e com alguma referência aos discursos científicos sobre a psique, a informática e a genética (“recodificação neurobiológica”, “reprogramação neurolinguística”), buscam a recomposição experiencial de um estado de harmonia e reconexão com si próprio e com a natureza, que passa pela “cura interior” e “das relações”. Trata-se da mesma conexão entre espiritualidade e cura relatada por Comunello e De Moura (neste mesmo volume). Vale a pena destacar que são processos fundamentalmente experienciais, distanciados das terapias centradas no conhecimento racional ou logocêntrico, que buscam uma auto-compreensão de si por meio da verbalização e da razão. O conhecimento das tradições ancestrais tem o mesmo foco: trata-se de experimentar e empatizar com a sua arte, seus relatos ou seus rituais como parte de um processo de enriquecimento pessoal e adoção de novos olhares frente à vida, não de conhecimento racional ou antropológico.

Práticas como o temazcal, o *tepee* (que inclui o ritual de consumo do peiote), a yoga matinal, as terapias de regressão, rituais tradicionais ou círculos de mulheres, constituem dispositivos terapêutico-rituais enfocados na produção de sensações corporais vinculadas a narrativas de “desbloqueio”, “purificação” e “reconexão” consigo próprio, com a natureza, com a Terra e com os ancestrais. Dois dos rituais mais amplamente solicitados foram o temazcal e o “Abraço de la Madre Tierra” (Abraço

da Mãe Terra). O primeiro, guiado conforme a tradição lakota, constitui uma cerimônia que metaforicamente reproduz a experiência do interior do útero materno, em que são trabalhadas intenções específicas frequentemente relacionadas com problemas nas relações, e é dele que se surge “renascido”. O Abraço à Mãe Terra, por sua vez, é uma experiência de “sentir-se dentro e parte” da Terra mediante o ritual de semienterros em terra fresca. Nestes rituais, podemos observar a colocação do corpo e suas sensações como *locus* da experiência de reconexão entre nossa interioridade e o planeta, entre a dimensão individual e a dimensão cósmica que nos superam e nos dão sentido, entre o eu e o cosmos sagrado. Convidam-nos e nos compelem a nos sentirmos parte de uma natureza reencantada que ressignifica nossa presença²¹ no aqui e agora como parte dela, não como espécie chamada à sua conquista e dominação.

Os rituais, nesse contexto, funcionam e contribuem para estabelecer poderosas metáforas que constroem um imaginário que vincula a experiência interior com a ação global, como bem apresentam Comunello e De Moura (neste mesmo volume). Durante o encontro, foram repetidas ações rituais como metáforas de ações cujo objeto direto é a Terra, tanto em cerimônias formais como em pequenos atos simbólicos cotidianos.

Por exemplo, ao cortar ramos de sálvia para decorar e perfumar o círculo onde se acenderia o fogo sagrado em *kiva*, fui instruída por uma voluntária a “pedir permissão” a Terra para tomar parte dela para mim, com respeito, com amor e somente por uma intenção especial que o justificasse, que nesse caso era dispor de “medicina para o Círculo”.

Durante a cerimônia de encerramento dos conselhos, no último dia, foi organizada uma procissão de todos os participantes por cada uma das instalações dos conselhos, isto é, dos espaços onde haviam trabalhado durante a semana, apresentando de maneira criativa o que fizeram. Foi presidida pelos “avós” de Teopantli e das tradições indígenas

////////////////

²¹ Para uma análise específica da transculturação e espiritualização do temazcal em diferentes contextos, ver De la Torre e Gutiérrez (2016).

yaqui e mayo que nos acompanharam, e por Alberto Ruz como organizador por parte dos Guardiões da Terra, rodeados de defumadores que iam limpando e purificando nosso caminho. Ao caminhar, Alberto Ruz observava: “É uma procissão que, ao caminhar conscientemente sobre a terra, se torna uma caminhada espiritual pela história da terra”. Dessa maneira, o ato de caminhar não era o de somente se locomover de um lugar a outro, mas de fazer consciente que marcamos nossos passos na nossa mãe terra, reconhecendo-a, “sentindo o ritmo de seu coração”.

Essas ações cheias de significado não somente fazem da Terra uma entidade vivente, mas também estabelecem uma comunicação ativa com ela, e imprimem em atos concretos o valor da cura, da reparação, a partir da lógica simbólica do ritual.

A metáfora da Terra como ente vivente vai acompanhada da afirmação de uma nova orientação para ela, abertamente oposta à orientação capitalista que vê na natureza um conjunto de recursos exploráveis ou matérias-primas. Diversos atos ao longo da semana podem ser entendidos como uma descolonização simbólica ou ritual da terra e de suas espécies. Em vários momentos da caminhada, se encenou os minerais, as plantas, a água ou os animais como espécies capazes de denunciar seu sofrimento pela ignorância humana e exploração. Eles foram representados como espécies com agência.

Voz feminina 1: Saudações a todos, sou a voz da sálvia, nossa irmã, que diz que somente serve, dá seu serviço por amor e serve para limpar as casas, os banheiros, para harmonizar, para limpar nossos campos áuricos, para curar, que somente sabe dar, dar puro amor, o que querem todas as nossas irmãs que não têm voz, é igual: amor e respeito para elas.²²

////////////////

²² Voz femenina 1: Saludo a todos, soy la voz de la salvia, nuestra hermana, que dice que solamente sirve, da su servicio por amor y sirve para limpiar las casas, para los baños, para armonizar, para limpiarnos nuestros campos áuricos, para curar, para sanar, si solamente sabe dar, da puro amor, lo que quieren todas nuestras hermanas que no tienen voz, es igual: amor y respeto para ellas, no original.

Dentro dessa orientação descolonizadora, diversos rituais tiveram foco na reparação da Terra e na experiência da unidade entre os humanos e com o universo, enviando, por exemplo, “energia curativa” ou repetindo *mantras* como:

Somos unidos com o universo
Sempre, para sempre, sempre
Somos unidos com o universo
Sempre, para sempre, sempre.²³



Fig. 4 Cantando o mantra “Pax Domine” no Conselho de Espiritualidade (foto de Cristina Gutiérrez Zúñiga)

////////////////

²³ Somos uno con el universo /Siempre, para siempre, siempre / Somos uno con el universo / Siempre, para siempre, siempre, no original.

e) Plano estético e lúdico

Uma parte central do programa semanal diz respeito às apresentações musicais, elaboração de murais de pinturas e a realização de celebrações programadas e espontâneas com música, dança, teatro, malabarismo, capoeira e uma ampla variedade de atividades lúdicas e artísticas, que constituíram uma dimensão essencial da experiência da ecoaldeia e proporcionaram vários momentos para a convivência e efervescência coletiva entre todos os participantes.

Esta dimensão da vida na ecoaldeia faz parte da proposta de construção de “um outro mundo”, proposta no decorrer da longa trajetória dos Guardiões da Terra²⁴, ao considerar que apresenta uma recuperação de criatividade, capacidade artística, lúdica e expressiva, que envolve o corpo e o tempo dos sujeitos em uma direção oposta ao produtivismo de trabalho assalariado alienado (da propriedade e usufruto do produto em função de próprias necessidades) para se reorientar ao prazer do tempo e da geração de produtos com sentido para si, ou, simplesmente, belos e prazerosos.

A recuperação do lúdico e da arte constitui também uma proposta de descolonização simbólica do tempo e do corpo que marcou a experiência, a aparência, as atitudes dos participantes na ecoaldeia, pelo menos durante o tempo em que viveram nela. Comunello e De Moura (neste mesmo volume) relacionam de uma forma muito interessante a integração aos ritmos da natureza vivida na ecoaldeia com uma diferença notável e, inclusive, de oposição com relação à aceleração da cultura do consumo e da vida urbana.

Uma característica eloquente sobre essa experiência foi a transformação nas atitudes corporais de apresentação pessoal dos participantes: no final da semana, a apresentação e a atitude de praticamente todos os

////////////////

²⁴ Ver a respeito os livros escritos por Alberto Ruz sobre a sua trajetória, e em particular das Caravanas Arco-íris (2012).

presentes tinham sido radicalizadas, seguindo o modo de ser despreocupado e lento dos velhos hippies, enfeitado com uma grande sofisticação na pintura facial e corporal, os adornos de materiais naturais e os enfeites no cabelo.

Além das ecoaldeias efêmeras: propostas de ação local e vinculação com movimentos sociais

Os conselhos de Ecologia e Movimentos Sociais realizaram seminários, conversas e oficinas sobre a problemática da água, a defesa de Wirikuta (a rota sagrada dos wirráríka, cuja continuidade tem sido ameaçada por empresas extrativistas de minérios) e a defesa do milho nativo contra a privatização e a introdução de milhos transgênicos por parte da multinacional Monsanto. Sobre essa problemática, em particular, foi tomada a iniciativa de difundir entre os assistentes um livro com a história do milho, que, por sua vez, é um projeto colaborativo que procura documentar a cultura do milho no México. Também foi feita uma constante difusão da “Iniciativa por los derechos de la Tierra” (Iniciativa pelos Direitos da Terra) por meio da coleta de assinaturas e da promoção da continuidade da atividade por meio da plataforma Avaaz.

Uma característica interessante foi que entre os membros desse conselho foi constituído um comitê de vinculação com iniciativas locais dos povoados vizinhos ao Teopantli Calpulli. Este vínculo se torna natural depois que, no próprio Teopantli realizado no povoado de San Isidro Mazatepec, o mais próximo, um “trabalho de recuperação de tradições locais”, foi anunciado o apoio à formação de um círculo de mulheres e a uma família ayahuasquera; também, ao povoado próximo de Ahuisculco, que durante o evento se encontrava em plena mobilização contra a contaminação de suas águas por aterros industriais e contra a extração de material de construção que esgota sua terra fértil e seus morros, até alterar consideravelmente sua paisagem.

Praticamente todas essas atividades foram informativas, e a determinação dos conselhos foi a de apoiar a denúncia dessas problemáticas e a multiplicação da informação das iniciativas por meio do ciberativismo, usando diversas plataformas: a página de Huehucóyotl, a página de Facebook do Conselho de Visões, que se manteve ativa durante várias semanas a mais e, sobretudo, a rede CASA, *Consejo de Asentamientos Sustentables de las Américas* (Conselho de Assentamentos Sustentáveis das Américas), que surgiu para fins de articulação das redes latino-americanas do Encontro Iberoamericano de ecoaldeias Colombia – Llamado de la Montaña, janeiro de 2012 –, e faz parte da Red Global de Ecoaldeas.²⁵ Depois do evento, realizei um breve seguimento dos principais espaços virtuais já mencionados vinculados ao Conselho e observei, por exemplo, a divulgação de postagens de anúncios e chamadas para cursos e reuniões, eventos concretos para a coleta de assinaturas, alertas de ocorrências para incentivar ações, como tentar evitar a destruição do Manglar de Tajamar, em Cancún, também denunciada pelo Greenpeace. Foi dada continuidade com a coleta de assinaturas pelos direitos da Mãe Terra e a denúncia do depósito de resíduos tóxicos das companhias de minérios em Wirikuta. Ficou claro que a continuidade do grupo mobilizado se encontra criptografada inteiramente na comunicação por Facebook, a vinculação através da rede CASA e o ciberativismo por meio de plataformas tipo Avaaz.

Conclusões

Ao longo dessa descrição do experimento social de construção de uma ecoaldeia efêmera ou temporal, observei como a ação dos participantes articulados nessa rede espiritual alternativa se encontra atravessada por uma orientação para uma ética intramundana que busca a transformação do mundo, e uma orientação místico-espiritual de fuga do mundo: vão e vêm entre ações práticas e ações de valor simbólico ou ritual, entre

////////////////

²⁵ (<http://www.casacontinental.org/que-es-casa/>, acesso em 10 de junho de 2016).

a eficácia simbólica e a eficácia fática. Provavelmente, sua originalidade e importância, em termos analíticos, proveem da sinergia estabelecida entre ambas. Por meio dos dispositivos rituais, não somente criam imaginários em torno da dimensão pessoal/local, que aparecem vinculada à dimensão global e inclusive cósmica, mas que faz possível que o mundo criado se converta em experiências corporais significativas e compartilhadas com outros, criando sua própria veracidade. A partir dessas experiências verificadas, podemos dizer que a criação de rituais em que, de maneira metafórica, realizam-se ações simbólicas de reversão do domínio e a exploração capitalista, reparação e descolonização, tem um caráter performativo sobre as ações dos sujeitos no mundo, já que estimulam as ações práticas de ecossustentabilidade ou de defesa do entorno. Ao estimular sua tomada de consciência sobre a importância do seu atuar, os participantes contribuem para constituir simbolicamente sujeitos coletivos e para fortalecer a continuidade desse fazer, outorgando valor simbólico às ações dentro dos imaginários planetários e globais que contribuem ao criar. Dessa maneira, a experiência ritual, que parece deslocar ilusoriamente o fazer no mundo, pode fortalecer a ação contra-hegemônica e a prática marginal dos sujeitos.

Comunello e De Moura apresentam com razão como “os rituais podem ser compreendidos como facilitadores na produção de identidades globais-locais em um contexto considerável de mobilidade e nomadismo”²⁶. Porém, de quais identidades estamos falando? Que tipo de coletividades se constitui, além da experiência excepcional do experimento efêmero de convivência intensiva? Que papel têm essas experiências em ecoaldeias efêmeras em um conjunto de sujeito de origens e grau de compromisso diversos, articulados por uma rede que opera fundamentalmente por meio da interação na internet?

////////////////

²⁶ “los rituales pueden ser comprendidos como facilitadores en la producción de identidades globales-locales en un contexto de considerable movilidad y nomadismo”, no original.

O espaço/tempo deste encontro temporal e intensivo, demarcado pelo deslocamento geográfico, e a extracotidianidade estabelecida pelos eu caráter experimental e efêmero constituíram uma experiência de plausibilidade da orientação altermundialista ecossustentável para os participantes em vários sentidos.

Por um lado, constitui uma experiência de plausibilidade dos modos de vida que foram escolhidos/construídos como provedores de bens e serviços independentes orientados a cura, arte, espiritualidade e ecossustentabilidade. O Conselho, como evento, é em primeiro lugar uma plataforma de intercâmbio que expande as relações e potencial demanda desses sujeitos, já que a inovação constante de seus conhecimentos e técnicas e a vinculação com novos atores e projetos são fundamentais em sua sobrevivência. Podemos dizer o mesmo de jovens estudantes e universitários egressos que, em um contexto de carência real de oportunidades, procuram uma atividade laboral que se torne afim a suas apostas ideológicas anticapitalistas. Sua orientação alternativa e contra-hegemônica se viu provavelmente consolidada em um clima de encontro entre semelhantes, colocando entre parênteses as regras de operação do sistema social, econômico e político durante uma semana e tendo constituído efetivamente uma comunidade durante esse tempo, sobre novas bases de ecossustentabilidade e horizontalidade na tomada de decisões. Ou seja, constituiu uma experiência de ter vivido uma “brecha” do capitalismo.

Por outro lado, a experiência de interação face a face – além do intercâmbio virtual que, com fins organizacionais, pode sustentar o enriquecimento mútuo entre pessoas com interesses afins – e a multiplicidade de eventos de efervescência coletiva em torno de sacralizações compartilhadas (como o planeta Terra, a natureza, os saberes de rituais de origem indígena, ou a autonomia das rotas espirituais pessoais), nos mostram que esse breve evento constitui, mais que uma plataforma de intercâmbio, um encontro de comunhão religiosa que se corresponde de diversas maneiras com as características estruturais de uma espiritualidade em

rede, alternativa à religião institucional, vinculada na autonomia pessoal e na autovalidação da crença, e hoje crescentemente alimentada pela exploração e pela interação virtual: oferece um espaço de validação mútua, compatível – ainda que não carente de tensões – com sua orientação à autonomia individual; oferece um espaço de aprendizagem e ritualização intensiva, em que se aprende a impregnar cada ação prática com dimensão simbólica, em que se oferece a experiência de ritual como uma intensa experiência sensorial e emocional de estar juntos e de produzir comunidades através dessa vivência corporal e significativa. Esse ângulo do ritual foi também analisado no caso da ecoaldeia brasileira. É preciso acrescentar e destacar que essa experiência corporal se encontra ausente no vínculo virtual, que, no entanto, constitui a base social ou estrutura de plausibilidade dessa rede alternativa.

Como pudemos observar, além desse evento massivo, a interação virtual é o *modus operandi* através do tempo/espaço cotidiano dos participantes dessa rede. Contudo, não significa que essa interação corresponda ao período de “latência” das redes, identificado por Melucci (1999), enquanto que os eventos, como o etnografado, correspondam a seus períodos de “visibilidade” pública. Esses processos têm sido profundamente transformados pela existência da interação virtual, que pode ser, inclusive, mais visível e pública que os eventos presenciais, limitados a um tempo/espaço local. De certa forma, a rede está sempre latente, e sempre visível na medida em que utiliza plataformas virtuais abertas e públicas para interagir. Essa interação virtual é a chave logística para fazer possível tanto seus encontros face a face (inclusive durante o próprio evento, como pudemos observar), como para imaginar a continuidade da conexão e da continuidade futura das iniciativas criadas/reactivadas na efervescência da convivência comunitária para a construção de “um outro mundo”. As intensas cerimônias realizadas na ecoaldeia efêmera podem ser vistas como consagração ritual de existência de uma comunidade espiritual global, efetivamente mantida em interação pela internet ao longo do tempo e que, graças a ela, pode se projetar para o futuro.

A etnografia dessa ecoaldeia efêmera nos é oferecida como uma oportunidade para nos aproximar, por um lado, das características das novas sociabilidades religiosas construídas pelas redes de espiritualidade alternativas, entre sujeitos crescentemente móveis e desregulados tanto em termos espaciais como da crença, que vinculados por meio das redes virtuais, criam formas *sui generis* de comunhão religiosa; e, por outro, da consolidação, no contexto latino-americano, de uma orientação contracultural e inclusive anticapitalista – entre outras –, dentro das redes de espiritualidade Nova Era, que parece dar nova vigência ao velho hippismo no contexto contemporâneo de crises do neoliberalismo em nossos países. Vale a pena continuar se perguntando sobre as formas de vinculação que estão se desenvolvendo com outros movimentos sociais ecologistas, feministas e indigenistas de caráter descolonial para a construção de outros mundos possíveis.

Traduzido do espanhol por Kétina Timboni.

Fontes virtuais

“Qué es CASA”, en Consejo de Asentamientos Sustentables de las Américas (C.A.S.A.), consultado el 30 de noviembre de 2015, disponible en<<http://www.casacontinental.org/que-es-casa/>>

“TeopantliCapulli”, en *PueblosAmerica.com*, consultado el 30 de noviembre de 2015, disponible en<<http://mexico.pueblosamerica.com/i/teopantli-calpulli/>>

“XIV Consejo de Visiones ‘El Llamado de la Salvia’”, en Teopantli Kalpulli, consultado el 20 de noviembre de 2015, disponible en<www.consejodevisiones.org> [Página web oficial, hoy desactivada].

“XIV Consejo de Visiones, ‘El Llamado de la Salvia’”, en *Huehucoyotl*, consultado el 30 de noviembre de 2015, disponible en<<http://huehucoyotl.net/xiv-consejo-de-visiones-el-llamado-de-la-salvia-2/>>

Huehucoyotl, consultado el 30 de noviembre de 2015, disponible en<<http://huehucoyotl.net>>

Rigatti, Leticia y Ryan Luckey, "Común Tierra", 2010, disponible en <http://www.comuntierra.org/site/comunidades.php?id=78&id_idioma=3>

Ruz, Alberto, "Consejo de Visiones" (post), consultado el 30 de diciembre de 2015, disponible en <<https://www.facebook.com/events/947401531978809/>>